

Cidades mais verdes enfrentam a mudança climática

São Paulo, Distrito Federal, Pernambuco e Ceará apostam em planos de arborização nas ruas e no entorno de rios e lagos, além de soluções como parques urbanos e fachadas com plantas, para reduzir temperatura média em até 2°C

CLEIDE CARVALHO
cleide.carvalho@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

A maior seca dos últimos 500 anos na Europa, a mais severa onda de calor na China desde a década de 1960 e a intensidade das chuvas de monção na Ásia não deixam dúvidas: a mudança climática já afeta a vida em todo o mundo. Com mais da metade da população concentrada em áreas urbanas, cabe às cidades buscar alternativas que amenizem os efeitos — e muitas delas têm sido baseadas na própria natureza. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), que incentiva a busca de soluções para mitigar efeitos das mudanças climáticas, parques urbanos podem reduzir a temperatura, em média, aproximadamente 1°C durante o dia.

É de olho em resultados como este que Medellín, na Colômbia, transformou ruas em corredores verdes, sombreados por copas de árvores, reduzindo a temperatura em cerca de 2°C nestes locais. Cingapura incentiva vegetação densa na fachada de prédios. Milão, na Itália, planeja plantar 3 milhões de árvores até 2050, depois que o uso de ar-condicionado durante a última onda de calor causou problemas no fornecimento de energia. E, agora, governos locais no Brasil também vêm apostando em ações ecológicas para mitigar os problemas.

Distrito Federal (DF) e Recife integram o programa CitiNova, do PNUMA, financiado pelo Fundo Global para o Meio Ambiente. Em Brasília, a previsão é que os períodos sem chuva e mais quentes serão mais longos, ameaçando o abastecimento d'água. Em Recife, tempestades mais volumosas e com duração mais curta poderão causar mais inundações, enxurradas e deslizamentos. Este ano, a Região Metropolitana de Recife registrou a terceira maior chuva da história, com pelo menos 180 mortos.

Os dois locais enfrentarão problemas diferentes decorrentes da mudança climática, mas, no pacote de soluções de ambos, está a recuperação de vegetação no entorno de rios e lagos, o plantio de mais árvores nas ruas e a formação e recuperação de bosques. Ainda que fragmentadas, florestas urbanas são capazes de reduzir a temperatura do ar, aumentar a umidade, interceptar a radiação solar e facilitar a ocorrência de ventos leves próximos à superfície.

Em Recife, as duas margens do Rio Capibaribe começam a abrigar um parque linear, que ocupará um total de 30 km. Dois trechos de pouco mais de 1 km estão prontos — os parques das Graças e Baobá.

Em Brasília, árvores estão sendo plantadas no entorno do Lago Paranoá e do Rio Descoberto, projeto visto como essencial para garantir água para a população no futuro. O Planalto é um divisor de águas para as bacias dos rios Tocantins-Araguaia, Paranoá e São Francisco.



Arborização. No bairro da Mooca, em São Paulo, 42 mudas são plantadas na rua Itabaiana: plano iniciado ano passado é de que, a cada ano, 45 mil novas árvores estejam fincadas no solo da cidade



Recife. As duas margens do Rio Capibaribe vão abrigar parque linear que se estenderá por 30 km

Brasília. Árvores estão sendo plantadas no entorno do Lago Paranoá e do Rio Descoberto

— A água passa e vai embora. A manutenção da segurança hídrica é a grande vulnerabilidade — explica Hugo Mendes, especialista em Mudança do Clima, da Secretaria de Meio Ambiente do Distrito Federal.

PISCINÕES SUBTERRÂNEOS

A água de chuva, portanto, tem de ser armazenada. Uma das propostas é criar parques com piscinões subterrâneos para armazenar água, inspirados no sistema de capta-

ção de chuva do Parque Güell, em Barcelona, projetado pelo arquiteto Antoni Gaudí.

— Preparar-se para as mudanças climáticas é o maior desafio que a humanidade vai enfrentar neste século. Não é simples. Se não enfrentar corretamente não se sabe o quão complicado será viver no planeta daqui a alguns anos — afirma o especialista.

Em Pernambuco, a natureza contribui também para despoluir rios. O riacho do Cavouco é palco de

uma experiência piloto de “jardim filtrante”, formados por espécies capazes de filtrar o esgoto.

— Nessa primeira fase, serão filtrados 10% do volume de água, mas o teste será replicado em novos trechos — afirma Carlos Ribeiro, secretário de Meio Ambiente de Recife. O sistema, adotado no Riacho Pajeú, no município de Sobral, no Ceará, conseguiu reduzir em 50% a quantidade de coliformes fecais.

Com temperatura que

chega fácil a 37°C, Sobral plantou 1.640 árvores em dois anos e acaba de iniciar a implantação de corredores verdes em bairros carentes de vegetação. Copas de árvores como ipês, mangueiras e jenipapo — este último alcança 15 metros de altura — vão se encontrar e formar um túnel verde.

— Faz uma enorme diferença caminhar em áreas sombreadas e isso estimula as pessoas a percorrer os trechos a pé — diz Marília Lima, secretária de Urbanismo, Habitação e Meio Ambiente de Sobral.

PLANO DE ARBORIZAÇÃO

Maior cidade do país, São Paulo concluiu durante a pandemia um plano de arborização. Em junho passado iniciou contrato para plantio de 45 mil árvores por ano.

A maior dificuldade, porém, é a disputa de espaço com fiações aéreas e infraestruturas subterrâneas, que muitas vezes acabam prioritizadas. O plano depende ainda das 32 subprefeituras, que apontarão onde plantar. Priscilla Cerqueira, coordenadora do plano, defende que a discussão seja levada ao plano diretor da cidade.

— Em áreas urbanas, é a somatória de pequenas ações pontuais que faz a diferença — explica Kelen Dornelles, professora do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Segundo ela, a presença de árvores no entorno e o uso de cores claras nas paredes externas e lajes ajudam a reduzir as temperaturas dentro e fora. Imóveis pintados com cores claras, por exemplo, absorvem até 80% menos calor. A cor pre-

ta, que se multiplica em São Paulo em bares e barbearias, absorve 95% da radiação solar e exige uso constante de ar condicionado.

Kelen afirma que a legislação avançou nos últimos dez anos e exige melhor desempenho térmico de edifícios. Há ainda selos e certificados, mas eles muitas vezes são buscados por garantir maior valor de venda, devido ao menor uso de energia e água.

As ações ecológicas, segundo especialistas, enfrentam no país problemas que vão de falta de verba a descontinuidade.

Alessandro Zabotto, especialista em arborização urbana, lembra que pequenos municípios, na maioria das vezes, sequer têm técnicos para fazer projetos e disputar financiamentos e apoio.

Há ainda a pressão pelo crescimento urbano, que costuma ser desordenado.

— As cidades enfrentam a pressão imobiliária. As empresas vendem a ideia de empreendimentos próximos a parques, mas fazem muito pouco para preservar o que há de verde — diz a professora Helena Ribeiro, do Grupo de Pesquisa Meio Ambiente e Sociedade do Instituto de Estudos Avançados da USP.

Para Marcos Baptista, da Agência Recife para Inovação e Estratégia, a maior preocupação da mudança climática é a consequência para as populações mais pobres.

— É na resiliência climática que a desigualdade vai se mostrar de forma mais cruel. Os mais pobres são os mais vulneráveis. A grande missão da humanidade é reduzir essa desigualdade — resume o pesquisador.

MARIA ISABEL OLIVEIRA